

SETE POR CENTO



MILA WANDER

CÉSAR COSTA

ATENÇÃO!

Esta é uma obra de ficção; nomes e situações ocasionalmente podem remeter o leitor à realidade, todavia, não são descrições do cotidiano ou uma história real. Aos menores de dezesseis anos, esta não é uma obra recomendada por conter cenas de sexo e violência, salvo supervisão de um responsável. É proibida a cópia parcial ou total desta obra. É proibida a distribuição de PDF. Os autores se eximem de qualquer responsabilidade mediante este aviso.

Dedico esta obra aos meus queridos leitores e familiares.

MILA WANDER

Dedico aos meus filhos, Carol e Matheus, minhas mais perfeitas obras.

CÉSAR COSTA

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo



Prólogo

Fogo e fumaça cobriam a atmosfera, tornando-a inóspita até mesmo para aqueles que já cruzaram as trevas. Gritos e ranger de dentes ecoavam pelos vales. O ruído de metal retorcido causava calafrios, ampliava o cenário de medo e tortura. Apesar da tragédia anunciada, todos os que prezavam pela paz ainda tinham esperança de que as coisas pudessem ser diferentes, mas não foram. A guerra foi declarada, inocentes pagaram pelos pecadores, atrocidades como nunca antes vistas em milhares de anos de história se mostraram reais. Ataques partiram dos dois lados, em todas as direções.

A poeira que subia e o cheiro de sangue entravam pelas narinas e enfureciam ainda mais as tropas. Homens e mulheres, sem distinção, lutavam lado a lado contra o mal que tentava invadir e dominar toda a Terra. Considerou-se aquela uma batalha decisiva e, se o mal prevalecesse, os habitantes do planeta iriam prantear e sofrer pelo resto de suas miseráveis vidas. Qualquer esperança que pudesse existir no coração da humanidade dependia da bravura do Exército do Bem.

A guerra que se espalhara por toda a Terra encontrava seu epílogo naquele vale que já fora uma das maravilhas da natureza, mas que agora não era mais do que um deserto sombrio. O combate final fora anunciado e as forças do bem estavam predominando. Os recursos bélicos estavam praticamente esgotados, mas a vitória final seria a chance de proporcionar para as gerações futuras o utópico sonho do planeta liberto de todo o mal, com paz e felicidade.

Num embate violento, os dois exércitos se chocaram e o que era tão esperado aconteceu. Depois de tantos gritos de desespero dominarem o ambiente, as forças do eixo do mal estavam reduzidas e enfraquecidas, mas não desistiriam até que o último de seus soldados tombasse em campo. E a vontade deles foi feita. Impiedosamente, a coalizão do bem avançou a fim de extirpar a vida de todos os que se opunham ao seu sonho de liberdade. A ordem era matar a todos, sem sobreviventes, sem prisioneiros. Não havia chance para vacilar, era tudo ou nada, e o combate foi tão terrível quanto poderia ser.

— Nunca imaginei que seria necessário chegar a tanto — Miguel se sentou no chão coberto de carne apodrecida, ao lado do amigo que já descansava após a batalha.

— O que está feito, está feito — Gabriel respondeu.

— Olhe para este lugar, está desolado! — Uma lágrima desceu pelo rosto de Miguel, que nunca conseguiu suportar qualquer ato violento, mesmo este sendo absolutamente necessário.

— Fizemos o que foi preciso. — Embora também se afligisse diante de tanta violência, o amigo estava mais conformado.

Os dois soldados olharam atentamente o cenário de horror e destruição. Incontáveis corpos cobriam a Terra, o sangue corria como se fosse um rio, porém o ar se tornava cada vez menos rarefeito. Era uma situação desoladora para quem só conseguia absorver o bem, mas a humanidade não resistiria por mais tempo se uma medida drástica como aquela não fosse tomada. Seria melhor assim. As forças inimigas haviam sido derrotadas com muito custo.

No que se considerou a Terceira Guerra Mundial, a humanidade se viu frente ao maior dos desafios. Do jeito como as coisas estavam, logo cada ser humano estaria corrompido, cada governo estaria sujeito às forças inimigas. A guerra foi inevitável, por mais que muito trabalho precisasse ser feito para que o mundo se restabelecesse.

Repentinamente, começou a chover. Foi como se a natureza implorasse para que os vestígios da guerra fossem lavados. O céu chorou as inúmeras perdas, mas os que sobreviveram sabiam que tudo estava terminado, anos de paz e esperança podiam ser, enfim, vislumbrados. Era a ideia de que a esperança se manteria intacta que impedia o desespero de ver tantos irmãos caídos ao chão, unidos à massa fétida dos inimigos.

Os dois soldados caminharam enquanto viam as sombras do que, horas antes, eram vorazes guerreiros. Alguns comemoravam a vitória final, outros choravam ao lado dos companheiros que não sobreviveram para acompanhá-la. Perceberam que, como eles, os aliados também andavam sem rumo entre os corpos. Um casal se beijava como se sentimentos contidos estivessem sendo externados naquele instante, um contraste de dor e amor tão singelo que ambos os amigos se emocionaram.

— O que vamos fazer com eles? Precisamos ser justos. — Miguel quebrou o silêncio que se instalara entre os dois enquanto observavam a cena.

O casal estava ferido, ambos sujos e malvestidos, mas pareciam incapazes de se separarem. Miguel e Gabriel sabiam que aquela simples atitude acarretaria um tremendo

problema; naquele momento, no entanto, só pensaram na bondade que precisava existir dentro daqueles que amam verdadeiramente.

— Nem sempre é possível ser justo sem comprometer o bem maior. Não imagino que possamos correr o risco de tê-los entre nós — Gabriel respondeu com pesar.

— Não imagino como o General poderia agir diferente, ele sempre cobra o preço da justiça de todos.

— Eles são uma ameaça e você sabe disso.

— Ainda assim, uniram forças conosco e lutaram ao nosso lado! — Miguel rugiu.

— De qualquer modo, isso não compete a nós, não é mesmo? Estamos discutindo à toa.

— Você sabe que o General nos ouve. Nossa opinião pode fazer a diferença.

— Não vejo como poderíamos confiar neles. No fim das contas, a natureza fala mais alto. — Os amigos fizeram uma pausa em seus discursos só para constatarem que o casal ainda se beijava, parecendo alheio ao tamanho do problema que tinham em mãos. O amor geralmente vem sobrecarregado por inúmeras intempéries, mas aquela certamente não devia ser negligenciada. — Seria perder todo o trabalho que tivemos, caso resolvam se rebelar por algum motivo. É do conhecimento de todos que esses indivíduos têm o temperamento muito volátil.

— São criaturas vivas, dignas de misericórdia, além de que combateram ao nosso lado. — A ideia de não salvar toda e qualquer alma era difícil de digerir para Miguel. — São seres capazes de amar como todos os outros, não percebe? — Apontou na direção deles.

— Não adianta discutirmos, conversaremos com o General e veremos se há algo que possamos fazer, já que você parece se importar tanto. Se há uma coisa que essa guerra me ensinou, é que o bem maior não pode ser ameaçado.

— Tenho certeza de que o General também se importa. Essa é uma decisão importante demais para ser tomada sem cuidado. Descartá-los agora seria uma tremenda traição.

Gabriel estava cansado demais para debater com o amigo de tantos anos. Além de tudo, discutir sobre o assunto era irrelevante, já que a decisão não cabia a eles. Procurando por um fim à discussão, limitou-se a dizer:

— Veremos.

Dias depois, enquanto a Terra se preparava para a mudança — mesmo que a grande maioria não soubesse como tal mudança se desenrolaria —, um conselho foi formado. Os resultados foram relatados e as perdas contabilizadas. Apesar de ser firme e exigente, o General era um homem justo, bom e aberto ao diálogo. Os principais comandantes falaram, todos tiveram a oportunidade de expor seu ponto de vista e tudo foi levado em consideração. Até mesmo representantes dos aliados puderam expressar suas opiniões e foram respeitosamente ouvidos.

Não foi uma tarefa fácil, pois o assunto era extremamente importante e secreto, por isso a decisão foi tomada longe dos olhos e ouvidos dos demais. Após muita deliberação, a compaixão do General falou mais alto. Porém, o preço a pagar precisaria ser aceito e não haveria volta. O risco era muito grande e, para que tudo desse certo, os dois lados precisariam ceder.

Após deliberação do comando central, um conselho dos aliados foi formado. Houve muita argumentação, muitos foram os que se opuseram, mas a possibilidade de uma nova vida animou a maioria. A decisão foi tomada e os termos propostos pelo conselho do General foram aceitos. Assim, sete por cento dos habitantes da Terra aceitaram o destino que lhes seria imposto. Tudo decidido sem que o restante da população mundial tivesse ciência.

— Isso será como uma benção para todos vocês! — O General falou alto para que fosse ouvido pelos representantes dos aliados. — Sei que as medidas são um tanto drásticas, contudo não há outra forma. A paz precisa ser mantida a qualquer custo. Vocês representam uma grande parte da população mundial, as coisas não vão ser tão fáceis, mas agirei desta forma para demonstrar a minha gratidão pelo que fizeram por nós. Não há outra medida. Cada um de vocês terá que esquecer quem realmente são.

Sem que jornais noticiassem, sem que os líderes mundiais aprovassem, sem que as maiores autoridades médicas estivessem envolvidas, uma ação conjunta foi tomada pelas tropas do General e sete por cento da população que cobre a Terra adormeceu e se esqueceu de tudo, criando o maior desafio para a ciência moderna.

Em um cenário absolutamente contrário ao da guerra — um lugar incrível, composto por uma floresta densa e cachoeiras magnânimas que tinham suas águas refletidas pelos raios do sol —, os amigos se reencontraram mais uma vez.

— Sabia que o General não me decepcionaria — comentou Miguel.

— Tenho que reconhecer que seus argumentos foram muito convincentes e fundamentais ao conselho — Gabriel sorriu para o amigo. Ele tinha verdadeiro orgulho da bondade do companheiro.

— Não será nada fácil, mas eles vão superar.

— Se você diz... — Gabriel deu de ombros. — Desde que a Terra esteja livre das influências do mal...

Os dois andaram, pensativos, pelo gramado verde à beira de uma das cachoeiras.

— Você não se pergunta o que pode acontecer com aqueles dois? — Miguel se empertigou. Há um tempo não parava de pensar naquilo.

— Quem?

— Aquele casal. Lembra?

Gabriel sorriu de leve, mas logo deixou o sorriso morrer.

— Eles vão se esquecer, como todos os outros.

Um grande silêncio se fez entre os dois. Voltaram a caminhar e se sentaram em uma rocha grandiosa sem nada conseguirem dizer sobre aquilo. A verdade era que Gabriel também já havia pensado sobre eles.

— Acha que é justo? — Miguel fez a grande pergunta que não conseguia ser calada.

— Acha que é justo a Terra voltar aos tempos de trevas por causa de um casal apaixonado?

— Não — Miguel não pensou duas vezes antes de responder. — Você tem razão.

— Nós conseguimos, meu amigo... — Gabriel deu um tapinha nos ombros do parceiro. — Não se aflija. Nós conseguimos...

Os dois se encantaram com o novo céu daquele horizonte, que prometia dias melhores para todo o mundo.



Capítulo 1

André

Normalmente, a vida das pessoas é um mar de confusão. Todos têm histórias para contar, um passado. Carregam suas bagagens. Isso não é, necessariamente, uma coisa ruim, pois toda essa bagagem, no final das contas, é o que faz as pessoas serem quem são. É sempre bom ter aquela história de verão para contar, aquele caso de amor, as festas com os amigos, uma despedida de solteiro. Cada um tem sua vida, sua história, seu elo com um passado recente que, ao mesmo tempo, parece tão distante.

Afinal, o que são cinquenta ou sessenta anos? Nada! Porém, quando alguém tenta se lembrar de sua infância, parece que tudo aconteceu em outra vida. Isso é normal, inerente ao ser humano, e todos são iguais.

Bem, na verdade, nem todos. Meu nome é André Fernandes. Ao menos é assim que venho me apresentando para as pessoas nos últimos dez anos. Toda essa história, essa bagagem, é tão recente para mim que carrego, no máximo, uma bolsa de mão. Está meio confuso, não é mesmo? Irei explicar melhor.

Há dez anos venho lutando com uma condição que parece ter afetado uma boa parte da população mundial. Ao menos sete por cento dos habitantes da Terra receberam o mesmo diagnóstico que eu. Na falta de palavras melhores, os médicos vêm chamando de Perda Hemisférica de Memória Sem Agente Desencadeador Conhecido. Apenas um nome comprido e bonito para: seu cérebro *bugou* e não sabemos por quê.

Muitos afirmam que foram experiências do governo que deram errado, mas acho difícil que seja verdade. Não que não acredite numa boa parcela de teorias da conspiração, mas, neste caso, seria necessário o envolvimento de quase todos os líderes mundiais, visto que foi uma situação generalizada. Não adianta pedir explicações. Num belo dia, um monte de gente acordou assustada sem saber quem era e onde estava.

Fazer o quê?

Claro que a teoria da conspiração se solidifica ainda mais devido ao fato de todas essas pessoas terem perdido a consciência pouco tempo após o término da Terceira Guerra Mundial. Até acredito que possa ter sido alguma arma química, mas

não saberia explicar como essa arma *selecionou* as pessoas afetadas. Talvez todo mundo tenha sofrido a ação dessa arma, mas apenas uma porcentagem de nós tivesse a disposição genética necessária para sofrer os efeitos. Essa é apenas mais uma das inúmeras teorias que venho escutando ao longo desses anos. É engraçado ver que tantos buscam, tão insistentemente, uma explicação para este fato. Qual a diferença de saber o que causou isto ou não? Vai trazer minhas memórias de volta? Bom, talvez... A esperança é a última que morre. Ao menos é o que dizem. Eu mesmo nunca conheci nenhuma mulher chamada esperança.

De tudo que se tem falado nesses dez anos, o principal é que nenhum padrão foi encontrado para a doença, e acredite, todo tipo de testes, exames e estudos já foram realizados. O fenômeno continua completamente sem explicação. Não existe um relato sequer na literatura conhecida de alguém que tivesse recobrado uma memóriasinha que seja. Sei que eu mesmo não tenho nenhuma lembrança de nada que tenha se passado antes do dia em que acordei como André pela primeira vez.

Alguns ainda estão em busca de uma resposta, mas eu já fiz as pazes comigo mesmo há alguns anos. Preferi viver minha nova vida sem o peso do passado e construir uma nova história que poderá um dia, quem sabe, ser compartilhada com meus filhos e netos. Por que não? É lógico que o passado poderia me reservar experiências maravilhosas, uma família, amores, sei lá, mas também poderia exibir o filme de um André que não me orgulhasse, que me fizesse ter vergonha de quem sou. Diante das possibilidades, a dúvida me pareceu algo bastante aceitável. Meu passado pode ser como eu imaginar que seja, isso me conforta às vezes.

Hoje, trabalho como representante comercial. Foi a melhor opção que encontrei para conseguir um trabalho rápido, pois junto com as minhas memórias, foram embora também meus conhecimentos sobre, fosse qual fosse, a minha profissão anterior. Eu não precisei ser alfabetizado de novo nem nada do tipo, continuei sabendo ler e escrever. Ao abrir os olhos ainda conseguia, por exemplo, usar um celular ou computador, mas todo o resto sumiu. Eu, assim como os outros *sete por cento*, sequer sabia o ano em que estávamos, qual o nome do presidente, minha identidade, idade... Enfim, nada de relevante.

Pelo que se tem noticiado na televisão, parece que muitos ainda tiveram a sorte de encontrar parentes que tentaram, aos poucos, contar-lhes suas histórias, devolvendo-lhes algumas lembranças que deixaram de ser intimamente suas, mas que podiam ser recontadas através das palavras dos outros. Eu não tive essa sorte. Acordei num

hospital, sem parentes, sem amigos, nada de documentos, nem uma única alma que se lembrasse de minha existência prévia. Sempre imaginei que estivesse em viagem, bem longe de minha casa e conhecidos quando essa *doença* me atingiu. Puro azar. O típico caso de *lugar errado na hora errada*.

Minha história começa, portanto, aos vinte e poucos anos, idade que eu aparentava ao acordar. Hoje imagino ter cerca de trinta e dois, mas os médicos não conseguem ser conclusivos com relação a isso. Meu *DNA* apresenta características que sugerem que eu tenha cerca de cento e setenta anos, o que, obviamente, é impossível, mas ao mesmo tempo carrego também informações genéticas que sugerem que eu tenha cerca de dez anos de idade, o que também não é aceitável.

Efeitos colaterais de minha estranha doença? Desculpe, mas eu não sei. Gostaria muito de poder dar uma resposta conclusiva, mas não a possuo.

Minha vida é um constante paradoxo. Sinto-me cansado de *respirar* e, em paralelo, percebo uma enorme disposição para viver. Ao mesmo tempo em que ajo com seriedade, principalmente em meu trabalho, muitas vezes acabo agindo como uma criança. *Todos os homens são assim!*—já me disseram —, porém no meu caso é diferente, não sei como fazê-los compreender, mas é bem diferente. É como se meu relógio biológico funcionasse em dois universos paralelos justapostos e sincronizados. Acabei me enrolando, não é? Pois é assim mesmo, não é mole explicar.

Por exemplo, não sou homossexual, tenho certeza absoluta disso, mas muitas vezes sou assediado por mulheres e simplesmente não me sinto atraído, como se meu corpo me dissesse que ainda não é a hora, que ainda sou novo demais para um envolvimento romântico. Como se ainda tivesse muito para crescer e conquistar antes de perder meu foco com isso. Porém, tem horas que não pareço eu mesmo, me dá uma loucura, sei lá. É claro que já tive minha cota de relacionamentos, ainda que em alguns casos eu tivesse que *me forçar* a fazer isso. Na maioria das vezes, estou com uma mulher hoje, louco de paixão e, no dia seguinte, não aguento mais sentir o cheiro dela.

Os cheiros, estava me esquecendo desse detalhe. Não sei se antes eu já tinha esse, sei lá, chamemos de dom, mas tenho um olfato muito desenvolvido. Os cheiros me enlouquecem na mesma medida em que me acalmam. Outra coisa impossível de explicar, é como se eu tentasse explicar o sabor do sal a alguém que nunca o provou. Só mesmo estando na minha pele, embora não deseje a ninguém uma vida assim.

Fico muito confuso, pois não tenho muitas oportunidades de conversar com outros dos *sete por cento*. Sei que ainda somos muitos, mas espalhados pelo mundo, não

fica tão fácil de nos encontrarmos. Além disso, todos estão se esforçando tanto para serem normais que não saem por aí gritando aos quatro ventos: — Ei, olhe para mim, sou um dos *sete por cento*!

Aí você pode me dizer: — Mas tem a Internet, blá, blá, blá. — Só que tem muitos idiotas que se passam por um dos *sete por cento* só para encher o saco. O que mais tem é gente se passando pelo que não é. As pessoas conseguem ser muito maldosas quando querem.

Enfim, como já disse antes, não me cobre explicações, pois não tenho nenhuma resposta satisfatória para dar, sou apenas o que sou e venho tentando me conformar ao máximo com isso.

— Satisfeita? O que acha de tudo isso?

— Interessante.

— Interessante? É só isso que tem para me dizer? — Ajeitei-me na confortável poltrona do consultório.

— Bom, a parte em que você me explicou sobre os *sete por cento* eu já sabia, na verdade é um assunto amplamente estudado e difundido. Porém, é interessante te ouvir, pois cada um tem seu ponto de vista.

— Sim, além do mais, foi a senhora quem me pediu para contar tudo desde o início. — Sentei mais para a ponta da poltrona e encarei a terapeuta diretamente nos olhos.

— Exatamente. Quero ouvir tudo de você, não quero pré-estabelecer conceitos. Como saber se você não será o primeiro a sentar aqui e se lembrar espontaneamente de algo do seu passado?

— Procurei a senhora porque me disseram que tem alguma experiência com o meu caso. O que pode me dizer?

— Se o senhor veio até aqui procurando comparações com outros pacientes, está perdendo o seu tempo. Jamais falarei sobre outros. Primeiramente, por uma questão ética, e em segundo lugar porque não pretendo influenciá-lo de nenhuma forma.

— A senhora já ajudou alguém a... a... Curar-se não seria a melhor expressão...

— Certamente já ajudei alguns a serem mais felizes, independentemente das dúvidas. Porém, e estou sendo muito sincera quando digo isso, você é o primeiro que não tem ninguém presente da sua vida anterior.

— Olha, já estou resignado quanto a isso. Às vezes acho que os *sete por cento* são abençoados. Hoje vivemos num mundo feliz, as pessoas se dão bem, os países se

ajudam. Doenças como a AIDS e o Ebola foram erradicadas, a fome caminha a passos largos para ser extirpada. Ouço tantas histórias de como o mundo estava à beira do caos dez anos atrás, que fico grato por não ter essas memórias. São tempos felizes, como se diz e, sim, acho que posso me considerar um cara feliz.

— Há quanto tempo você se mudou para a cidade?

— Cerca de seis meses.

— Qual o motivo?

— Fui transferido, a empresa precisava de um novo representante aqui. Os negócios estão se expandindo, muito mesmo.

— Qual o nome do seu terapeuta anterior?

— Terapeuta anterior?

— Sim, da cidade onde o senhor morava.

— Nunca tive outro terapeuta.

A doutora Eva Sales fechou o bloco onde anotava algumas observações, não a conversa toda, pois estava sendo gravada, mas apenas as ideias que lhe surgiam enquanto conversava com seus pacientes. Ela ajeitou os óculos e me estudou por alguns instantes. Meio sem graça, desviei o olhar e observei o consultório luxuoso, com paredes cobertas de diplomas emoldurados, artigos de jornais e revistas médicas, além de fotos com pessoas que pareciam importantes.

Enquanto divagava, a doutora pigarreou e conseguiu chamar a minha atenção. Ela se apurou na cadeira, aproximou o seu rosto o quanto pôde, respirou fundo e falou de forma espremida, como se reprimisse uma explosão de raiva:

— O senhor está me dizendo que viveu todo esse tempo sob essas condições, enfrentou essa mudança drástica sozinho e nunca foi encaminhado a um terapeuta? Qual o telefone de seu médico? Preciso ter uma conversinha com ele.

— Acalme-se, doutora. Eu fui orientado e até mesmo encaminhado para um terapeuta.

— E então?

— Nunca fui lá.

— Poderia me dizer o motivo? — Ela tornou a se ajeitar para trás em sua poltrona que aparentava ser duas vezes mais confortável que a minha, apesar de já ser excelente.

— Nunca senti necessidade.

— E após esses dez longos anos, o senhor simplesmente acordou numa bela manhã de sol e decidiu que era hora de procurar ajuda?

— Na verdade, foi numa terrível noite de tempestade.

— Ora, não estou para brincadeiras — a doutora bufou.

— Não estou brincando, só queria deixar claro. — Dei de ombros e enxerguei a impaciência no rosto da doutora.

— O que houve nessa terrível noite de tempestade? — Percebi um tom irônico na pergunta, mas preferi ignorar.

— Desde que me mudei para cá, mensalmente venho sentindo essas fortes dores de cabeça e, nessa noite, tive uma enxaqueca especialmente terrível e dolorosa. Decidi que era hora de procurar alguém.

— Por que não um médico?

— Procurei médicos nos primeiros meses, mas nada funcionou. Logo, um deles aventou a possibilidade de ser algo psicológico. Dessa vez resolvi seguir a orientação e vim até a senhora.

A doutora Eva voltou a tomar notas em seu bloco.

— Qual foi a última vez em que esteve num relacionamento?

— Depende do que a senhora define como relacionamento.

— Relacionamento afetivo, amoroso, sabe como é, com uma mulher... Ou homem...

— Já falei que não sou homossexual — protestei.

— Não estou aqui para julgar. Esta é uma zona de segurança, podemos tratar sobre qualquer assunto.

— Estou bem certo de minhas preferências, obrigado. Eu entendi que a senhora se referia a algo amoroso, enfim... Quis saber o que a senhora considera relacionamento. Um namoro, noivado, casamento?

— Algo que tenha durado mais do que um mês, ou mais do que apenas saídas, ficadas... Algo além do casual, mais do que sexo sem compromisso.

Fiquei instantaneamente envergonhado ao ouvi-la falar tão abertamente sobre essas coisas. Se eu tivesse a pele clara, teria ficado vermelho como um pimentão.

— Hum, deixe-me pensar... — Fingi tratar a coisa com naturalidade. — Nunca!

— Nunca? Como assim?

— Bom, nesses dez anos nunca me envolvi com alguém cujo relacionamento durasse mais do que um mês ou passasse do casual.

— Eu entendi essa parte, o que quero saber mesmo é: por quê?

— E eu vou saber? Devo ter problemas, estou estragado. Bom, que estou estragado é um fato, cérebro *bugado*, lembra? Digo, deve ser minha condição genética. Não tenho respostas, já lhe disse! Esperava que a senhora pudesse me ajudar. Se for para eu vir aqui e lhe dar as respostas, ao menos me deixe sentar na poltrona mais confortável, então!

A doutora me olhou como se quisesse me matar por um segundo, mas logo mudou de expressão.

— Você nunca se apaixonou? — Ela estava boquiaberta.

— Apaixonar? Sim, umas duas ou três vezes... por semana.

— Isso é um comportamento adolescente.— A doutora bateu a caneta no bloquinho e o colocou em cima da mesinha que estava ao seu lado.

— E eu não sei? Tenho amigos e colegas com quem me relaciono profissionalmente. Como representante, tenho contato com muitas pessoas diferentes, conheço novas mulheres quase todos os dias, muitas delas interessantes. Quando percebo, estou pensando muito nessa ou naquela. Porém, logo conheço outras mulheres interessantes e me apaixono novamente. Pensei que isso fosse algo normal.

— Se você fosse um rapaz de quatorze anos com os hormônios transbordando pelo seu corpo, seria perfeitamente normal, mas para um adulto de trinta e tantos... — Ela franziu a testa e arregalou os olhos, como que reprovando minha atitude.

— O que posso fazer?

— Não se apaixone tanto.

—Ah! Simples assim? Estou pagando o quê, cento e quarenta reais a consulta, para a senhora me dar um conselho desses? *Não se apaixone tanto!?* — Dei uma entonação especialmente sarcástica à última frase.

— Cento e oitenta.

— O quê?

— Cento e oitenta a hora, mas não se preocupe, aceitamos todos os cartões de crédito e débito.

Respirei fundo. Sabia que a doutora estava tentando mexer com a minha cabeça e eu não entraria no seu joguinho. Ela ia ver que eu não era nenhum adolescente preso no corpo de um adulto, ela ia ver, não ia dar o gostinho, só de birra! Quem pensa que é?

— Como a senhora sugere que eu não me apaixone tanto? Vamos lá, me empreste aí o seu bloquinho que eu vou anotar a receita da fórmula mágica. —

Recompus-me e resolvi por os dotes terapêuticos dela à prova. Aquele era um jogo que dois podiam jogar.

— É apenas nosso primeiro encontro, como espera que eu lhe responda isso? — a doutora pareceu incomodada.

— Por cento e oitenta a hora, a senhora deveria saber — provoquei.

— Em dez anos você não tem as respostas e em cinquenta minutos quer que eu as dê? — Ponto para ela.

— Cinquenta minutos? Não passou esse tempo todo, não!

— São cinco e cinquenta.

— Ah, tudo bem, mas eu só cheguei aqui às cinco e dez, foi um inferno para encontrar vaga.

— O tempo é contado a partir da hora marcada, sinto muito. — Ela fez um biquinho e balançou a cabeça jogando os cabelos de um lado para o outro.

— Quer dizer que, se a senhora atrasar, eu ganho desconto?

— Estamos divagando e fugindo do foco da conversa.

— Tudo bem, são meus minutos, podemos gastá-los como eu quiser. Se no meio da consulta, a senhora precisar sair para ir ao banheiro, eu ganho desconto?

— Isso não acontecerá, pode ficar tranquilo.

— Digamos que aconteça...

— Não acontecerá! — Eva estava se impacientando.

— E se a senhora estiver com aquele *piriri* danado, fazendo biquinho para sair e não puder mais segurar? Hein, hein? — Segurei o riso. Nem eu acreditava como estava sendo tão infantil, mas era mais forte do que eu.

— Se eu estiver doente, desmarcamos a consulta e deixamos para outro dia.

— Tudo bem, mas e se a senhora começar a passar mal aqui no consultório, bem na hora da minha consulta? Preciso saber, precisamos estabelecer um padrão.

— Isso nunca aconteceu.

— Entretanto, a possibilidade existe...

— Não, não existe! — Eva foi taxativa.

— Existe sim, a senhora não é melhor do que ninguém. Eu mesmo, uma vez estava atendendo um cliente quando, de repente...

— Tudo bem, se eu precisar sair para ir ao banheiro no meio da consulta, o senhor ganha um desconto — ela me interrompeu, visivelmente irritada.

— E de quanto seria o desconto?

— André, se isso acontecer, o senhor não precisa pagar a consulta, tudo bem? Está feliz agora? Chega desse assunto! — a doutora pegou o caderno de notas novamente.

— Olha que está gravado, hein! — aponte para o gravador digital.

— Tudo bem — bufou.

— Do que falávamos mesmo? — perguntei, com um triunfante ar de vitória.

— Seu tempo acabou, nos vemos novamente semana que vem — ela disse num tom seco.

A doutora Eva se levantou, atirou o bloco na poltrona, dirigiu-se até a porta, abriu-a e falou, apertando os lábios:

— Passar bem, senhor André, até semana que vem!

Eu me levantei sorrindo, sentindo-me bem comigo mesmo, saíra vitorioso, provei que era o macho alfa. Passei pela doutora com o peito estufado, olhar de superioridade e lhe dei uma última encarada. Até que a danada era bonita, porém tratei logo de afastar o pensamento.

Parei ao lado de minha terapeuta e disse:

— Passar bem, doutora, nos vemos na próxima quarta — tentei soar tão formal quanto ela.

Saí da sala e a doutora Eva fechou a porta. Dirigi-me até o balcão onde a secretária lixava as unhas despreocupadamente.

— Dinheiro ou cartão, senhor?

— Cartão, e coloca no crédito que é pra tarifa ser maior.

— Como, senhor?

— Nada, passa aí no crédito.

A secretária sorridente pegou meu cartão e o inseriu na máquina. Observei-a enquanto cumpria a tarefa mecanicamente. Já tinha certa idade, mas até que não era de se jogar fora. Definitivamente, eu tinha que parar com aquilo. Comecei a dar algum crédito ao que a doutora dissera.

Para me distrair, olhei ao redor da saleta de espera, observei os quadros na parede, contemplei as plantas...

— O senhor coloca a sua senha, por favor? — fui interrompido.

— Como?

— Sua senha!

Sorri e digitei a senha na máquina. Enquanto esperava a confirmação, vi uma mulher entrar correndo pela porta.

— Que horas são? — rosnou de um jeito esbaforido. Parecia cansada e bastante irritada, coisas que não eram tão comuns de serem vistas nos semblantes das pessoas hoje em dia. Só isso seria o suficiente para chamar a minha atenção, mas teve algo mais. Havia muito mais do que pude conceber.

Meus olhos sempre atentos, principalmente quando me mostram uma mulher bonita, demoraram-se sobre ela. Não consegui definir o que meu corpo sentiu, só soube que jamais havia ficado tão intrigado — e excitado — em toda a minha nova vida.

Tudo porque fui transportado para uma dimensão paralela, tão irreal e impensada que achei que tivesse cochilado durante a sessão e imergido em um sonho. Um sorriso de lábios rubros e carnudos invadiu a minha mente, junto com um nome sussurrado com vestígios evidentes de prazer: *Mikah*. Era a minha voz que repetia aquela palavra como um mantra, agarrando-se a ela como quem agarra a própria chance de felicidade.

Não fui capaz de desviar os meus olhos, sobretudo quando a mulher enfim me olhou e, como se estivesse tão encantada quanto eu, encarou-me atentamente até entreabrir lábios tão carnudos quanto os que vagavam livremente através do meu lapso. Sua expressão irritada mudou da água para o vinho; agora ela parecia confusa. Devo salientar que tal transformação não deixou sua beleza menos atraente para os meus olhos nem por um segundo.

— Boa noite, senhorita, são seis e cinco — a voz educada da recepcionista nos despertou.

A mulher misteriosa desviou os olhos dos meus, porém continuou bastante inquieta. Caminhou até a porta da terapeuta Eva Sales, a mesma porta que eu tinha atravessado no minuto anterior.

— Olha que o seu tempo está passando e a doutora não dá folga, são cento e oitenta reais — brinquei, não podendo conter o lado que os médicos disseram que só tinha assoprado dez míseras velas. Já o outro, o centenário, tentava disfarçar e ocultar a estranheza do que acabara de acontecer.

Teria sido uma lembrança? Aquela mulher diante de mim podia ser uma conhecida do passado? Fosse o que fosse, ela parecia ter me reconhecido, embora estivesse disfarçando tão bem quanto eu.

— Como? — a mulher indagou e mal pude ignorar o nível do prazer que senti em ouvir sua voz.

— Cento e oitenta... — murmurei e suspirei fundo.

— O quê? — Ela ainda parecia confusa. Evitava olhar para mim com o mesmo afinco que eu a observava. A diferença era que ela não conseguia se manter distante, já eu... Conseguia até demais perceber cada detalhe de suas feições. Seus cabelos lisos e cor de fogo, seus olhos castanho-claros que brilhavam, seu rosto perfeitamente desenhado e com aparência muito jovial.

— Reais, né? Dólares é que não vai ser — finalmente respondi.

— Do que você está falando? — Nem eu mesmo sabia direito, mas respondi:

— Da consulta.

— Como eu poderia saber?

— Você não sabe quanto paga?

— Eu pago o plano, não sou trouxa de pagar particular. — Ela foi seca.

— Bem pensado...

— A senhora pode entrar, a doutora Eva a está esperando. — Por um momento, achei que a recepcionista havia caído em um abismo quilométrico e sumido do mundo, pois não poderia haver mais ninguém nele além de mim e daquela desconhecida.

— Obrigada. — A ruiva forçou um sorriso e entrou no escritório, deixando-me com uma sensação de perda quase esmagadora.

A porta se fechou enquanto a secretária retirava meu cartão e o comprovante da operação. Ela me entregou o papel e me desejou boa noite.

— Qual é o nome dela?

— De quem? Daquela mulher?

— Sim.

— Sinto muito, mas não posso revelar. O senhor compreende.

— Compreendo, boa noite.

Entretanto, a verdade era que eu não compreendia, só havia tido uma ideia melhor. Pelo que fui informado, os encontros na terapeuta eram sempre semanais e quase nunca havia remanejamentos, por isso tinha certeza de que, se me atrasasse novamente como naquele dia, poderia me encontrar com aquela mulher. Podia esperá-la na saída, mas isso soaria esquisito até para um esquisitão como eu. Não queria espantá-la, como sabia que faria caso não agisse com paciência.

O jeito era esperar a próxima semana até conseguir fazer do nosso encontro algo meramente casual. Só assim, talvez, conseguisse as respostas para as minhas perguntas. Quem sabe surgissem outros devaneios? Quem sabe ela soubesse quem realmente eu era? Não podia ignorar o que sua mera aparição causou dentro de mim. Mesmo que ela não soubesse nada a meu respeito, meu interesse permaneceria vivo.

Foi assim que comecei a pensar na moça que conheci brevemente na sala de espera do consultório de minha terapeuta. Jurei que pararia de agir daquele modo — um juramento que se perdeu em menos de dois minutos —, mas aquela nova paixão semanal não pôde ser contida pela minha genética *bugada*.